

In: BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto; MACIEL, Terezinha de Jesus Pinheiro; BEZERRA, José Arimatea Barros (Orgs.). **Pedagogia UFC 50 anos: narrativas de uma história** (1963-2013). Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 255-277.

Eu, Pedagogo de Mim!

Paulo Meireles Barguil

Eu sou eu e minhas circunstâncias.
(ORTEGA Y GASSET)

Inicialmente, expresso minha gratidão e a alegria pelo convite da Comissão Organizadora deste livro comemorativo do Jubileu do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará – UFC, para, na qualidade de ex-estudante e professor desse curso, escrever algumas das minhas memórias a ele relacionadas.

Procurei, durante dias e noites, a letra, a melodia e a harmonia deste artigo.

Há anos, venho me buscando... me perdendo... me encontrando...

Caçador de mim
Sérgio Magrão e Luis Carlos Sá

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim

Preso a canções
Entregue a paixões que nunca tiveram fim

Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

*Nada a temer, senão o correr da luta
Nada a fazer, senão esquecer o medo
Abrir o peito à força numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura*

*Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim*

Ciente da impossibilidade de expressar o achado, ainda mais em palavras – encantadoras, dúbias, estéreis, enganadoras... – proponho-me, tal como na vida, a brincar de recortar e colar imagens, sabores, cores, sons e emoções. É indispensável, nesse folgado, ter humildade e perseverança para assoprar os véus internos, que dificultam a contemplação do mundo... É necessário, ainda, ter coragem e retirar as pedras que carregamos, tornando árdua a nossa caminhada, impossível o nosso voo...

Etmologicamente, o termo Pedagogia vem do grego antigo *Paidós* (criança) e *Agogé* (condução). É interessante perceber que, há séculos, o (per)curso, o currículo representa, mediante conteúdo e forma, os ideais de cada sociedade. Em Esparta, *Agogé* designava o rigoroso regime de treinamento a que todos os seus cidadãos eram submetidos, à exceção dos primogênitos das famílias reinantes, destinando ao aprendizado de técnicas militares, caça, dança, canto e traquejo social, bem como ao desenvolvimento da lealdade à sua cultura. *Paideia* designa, inicialmente, “criação de meninos” e, depois, conforme Jaeger (2013, p. 354), “[...] todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição, tal como nós o designamos por *Bildung* ou pela palavra latina, cultura.”.

O vocábulo pedagogo, do latim *paedagogus* e do grego *paidagogos* – *paidós* (criança) e *agogos* (guia, líder) ou *agein* (guiar) – designava, inicialmente, o escravo que levava o filho do senhor aos locais em que o conhecimento era socializado, e, em época posterior, quem tinha a responsabilidade de ensiná-lo.

Adulto, conhecimento e criança são componentes indispensáveis em qualquer universo pedagógico, o qual se anuncia repleto de possibilidades – pois varia de acordo com objetivos, conteúdos, estratégias e recursos – para o desenvolvimento dos sujeitos e a transformação (ou manutenção) da sociedade em que se encontram.

Dividi o texto em três seções – graduação, pós-graduação e docência – privilegiando momentos distintos da minha trajetória profissional, relacionadas ao curso de Pedagogia da FAGED/UFC.

Graduação

Foi no dia 06 de fevereiro de 1990, momentos antes de colar grau como Bacharel em Computação, da UFC, na concha acústica da UFC, que vi afixado, nas paredes da Reitoria, o resultado do exame vestibular, no qual logrei êxito para o curso de Pedagogia. Duas grandes alegrias, fim e início, no mesmo espaço-tempo, tal como uma benção celestial...

[...] será sempre um mistério para mim os motivos que me fizeram prestar vestibular para Pedagogia. Tenho algumas suspeitas e intuições, as quais são como diminutos pedaços de um grande quebra-cabeça, que nunca montarei por completo, pois, quando a figura começa a se formar, lembro-me de outros pedaços que estão guardados em algum canto e começo tudo de novo! (BARGUIL, 2000, p. 54).

O primeiro pedaço que escolho é o fato de que, aos dez anos, no final do 1º semestre da 4ª série, fui comunicado pelos meus pais de que, ante a iminência, cada vez mais translúcida, de ser “convidado” a receber na secretaria a transferência no final do ano letivo,

iria mudar de colégio. Sempre acreditei que a saída de um estabelecimento para outro, tanto pelos motivos como pela forma como ocorreu, me deixou marcas profundas.

Há anos, tinha a sensação de que essa ruptura, em virtude dos díspares modelos pedagógicos das duas escolas, bem como da transição do 1º grau menor para o maior (denominação da época, que equivale, atualmente, aos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental), tinha sufocado minhas emoções e aprisionado meu corpo, restando-me, apenas, a possibilidade de brincar com a minha cabeça...

Outra peça desse fascinante ladrilhamento foi o deguste de *Quando eu voltar a ser criança*, escrito por Janusz Korczak, relato ficcional de um professor que, cansado da sua rotina laboral, tenciona voltar a ser criança. Durante alguns dias, ele revive, com sua mente adulta e seu corpo infantil, o cotidiano de outrora, permitindo a ele se conectar com os respectivos sentimentos, há muito tempo esquecidos, e compreender que sua tristeza no exercício laboral é fruto do distanciamento da sua própria criança:

AO LEITOR ADULTO

Vocês dizem:

– Cansa-nos ter de privar com crianças.

Têm razão.

Vocês dizem ainda:

– Cansa-nos porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.

Estão equivocados.

– Não é isto o que nos cansa, e, sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Eleva-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.

Para não machucá-las. (KORCZAK, 1981, p. 11).

Identifico, com destaque e carinho especial, outro pedaço que compõe esse dinâmico mosaico da minha escolha – a leitura da obra *Educação e Mudança*, de Paulo Freire, pois, de forma arrebatadora,

me despertou o desejo de ser professor. Escolho um trecho para ilustrar a força dessa onda:

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. (FREIRE, 1982, p. 27-28).

Minha intenção inicial não era concluir o curso de Pedagogia, mas estudar algumas disciplinas para ingressar no Mestrado em Educação e desenvolver, influenciado pelas leituras sobre a *Teologia da Libertação*, uma pesquisa relacionada às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, em virtude da sua proposta de transformação da realidade com origem naquela pessoa a quem mais interessa que isso aconteça.

A cada semestre, minha paixão e vontade de conhecer mais sobre a Educação aumentavam, e, na metade do curso, percebi que uma visão abrangente dessa área me possibilitaria desenvolver uma dissertação com maior propriedade e decidi concluir o curso. Ao longo dos nove semestres, tive o prazer de encontrar vários mestres em disciplinas obrigatórias e optativas, os quais decido não nomeá-los, pois seria incapaz de expressar o que com eles aprendi, além de poder esquecer de citar algum, o que seria lamentável.

Em virtude de ser funcionário público federal desde 02 de janeiro de 1990, o que me demandava uma jornada laboral de oito horas, meu envolvimento com atividades além das disciplinas era restrito. Resolvi, brevemente, citá-las, em virtude de terem influenciado os rumos da minha vida e de privilegiarem as áreas de ensino, pesquisa e extensão.

No 2º semestre de 1991, comecei a participar das reuniões do grupo *FEDATHI*, coordenado pelo professor Hermínio Borges Neto e composto por professores de Matemática da UFC, da Universidade Estadual do Ceará – UECE e da rede pública estadual, que, median-

te estudos, pesquisas e reflexões sobre a prática docente, elaborava material didático para o ensino da disciplina.

O Governo do Estado do Ceará promoveu, no início de 1992, curso de formação de multiplicadores em diversas áreas. O grupo FEDATHI foi responsável pelo módulo de Matemática, cujos conteúdos eram, dentre outros, percepção de número, sistema de numeração decimal, operações fundamentais, frações decimais, operações com frações.

Assumi uma das turmas, tendo sido essa primeira experiência, como professor, desafiadora e gratificante. Pouco tempo depois, atendendo convite de alguns estudantes daquela turma, passei um final de semana em Massapê, onde aprofundamos a compreensão de algumas temáticas do curso e o manuseio do material concreto, de modo especial, o quadro valor de lugar – QVL e o ábaco.

Durante os dois semestres letivos de 1992, fui monitor da disciplina *Psicologia do Desenvolvimento aplicada à Educação*, sob os cuidados da professora Gláucia Maria de Menezes Ferreira. Nesse período, ampliei a compreensão dos conteúdos programáticos dessa área que tanto me fascina, além de orientar seminários e esclarecer dúvidas discentes.

A vivência de algumas atividades docentes, na qualidade de monitor, foi muito impactante na minha formação, pessoal e profissional, tendo sido apresentada uma síntese desta, em 1992, durante o I Encontro de Iniciação à Docência, uma iniciativa da Pró-Reitoria de Graduação, da UFC.

Em 1993, fui bolsista de iniciação científica da UFC, da pesquisa *Alfabetização e classe social: relações e implicações do discurso dos professores e dos livros didáticos*, sob a orientação da professora Ana Maria Iorio Dias. A análise dos depoimentos das alfabetizadoras e do material didático – livros e cartilhas – permitiu constatar a divergência entre as concepções de alfabetização das professoras e dos recursos por elas utilizados. Outro aspecto constatado foi a resistência das alfa-

betizadoras em aceitar que a criança de origem popular não se encaixa na idealização de estudante, a qual elas insistem em manter. Essa dupla falta de sintonia favorecia, de modo substancial, a ocorrência de altos índices de reprovação nas séries iniciais nas escolas públicas.

Além de ter aprendido mais sobre a temática estudada, tive a oportunidade de entender que a pesquisa educacional deve, sempre que possível, em virtude dos preocupantes índices de aprendizagem, debruçar-se sobre o cotidiano escolar, e, de modo especial, os primeiros anos da vida acadêmica das crianças. Apresentei alguns resultados dessa pesquisa no XII Encontro Universitário de Iniciação à Pesquisa, promovido, em 1993, pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC.

Ainda nesse ano, ministrei o curso Sistema de Numeração e Operações Fundamentais, no âmbito do Projeto de Extensão *Estágio Curricular – Realidade e Vivências*, promovido pelo Departamento de Teoria e Prática do Ensino, da FAGED/UFC, no qual professores e estudantes da Faculdade de Educação socializaram seus conhecimentos com discentes e docentes da Educação Básica.

Constatarei, durante o curso de Pedagogia, que a dimensão corporal era quase totalmente ignorada, tanto no conteúdo das disciplinas como na forma em que eram ministradas. Apesar de existir um discurso progressista ecoando nas salas e corredores, faltava, ao meu ver, uma visão holística do Homem, porquanto as emoções, a sensibilidade, o universo onírico e a corporalidade não eram considerados amiúde.

Foi na disciplina Arte e Educação, ministrada, no segundo semestre de 1992, pelo artista-professor Francisco José Colares de Paula, que tive a rara oportunidade de vivenciar, de forma profunda, a integração das dimensões afetiva, corporal e cognitiva. Ele solicitou de cada estudante a entrega, no final da disciplina, de um trabalho que expressasse o aprendizado nela ocorrido. Lembro-me da dificuldade para decidir o que iria produzir. Durante as aulas, elaborei al-

gumas trovas, expressando o vivido. Quanto ao trabalho final, nada me ocorria...

Elaborei uma musicografia, composta de 55 letras de músicas e comentários sobre o significado e a importância delas na minha vida. Essa experiência foi muito marcante, pois despertou vozes em mim adormecidas. Na última composição, cujo título eu desconhecia na época, a seguir apresentada, escrevi: "Fico feliz por ter conseguido olhar para e sentir o Paulo. A disciplina de A & E ajudou-me e, também, por isso lhe sou grato, Colares. Abraço, Paulo."

Dança dos meninos

Marco Antonio Guimarães e Milton Nascimento

Olha mais para mim

*Dentro de meu sentimento e tudo de mim
Seja meu lar, uma canção, um carinho
Uma frase de paz*

Te acorda! É a dança o momento, a roda que vai

Embalando o amor

Canta um refrão

Mostra um sorriso

Canta o refrão

Mostra que quer viver

E posso lembrar

A primeira noite que te vi entoar uma emoção

Tanto calor em teu rosto

Como em toda visão

É o mundo, é a senha pra que eu te sentisse ali

Força de um leão

Venha de lá

Anjo suave, sem esperar

Grita que quer viver

Olha bem para mim

Após a conclusão do curso de Pedagogia, em julho de 1994, pedi transferência no meu emprego e fui morar em Pacoti, cidade do Município de Baturité, em virtude da minha intenção de habitar um local tranquilo e ter mais contato com a natureza. Não imaginava que seria lá que meu diploma seria batizado... Poucos dias após me mudar, fui convidado para lecionar em duas cidades vizinhas – Guaramiranga e Palmácia.

Na primeira, na Escola Estadual de 2º Grau Zélia de Mattos Brito, quatro disciplinas do 2º ano do curso de Magistério me aguardavam – *Didática da Língua Portuguesa, Didática da Matemática, Fundamentos Filosóficos e Fundamentos Psicológicos*. Na segunda, dois colégios, com distintas clientela e matérias: na Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, o desafio era lecionar *Inglês* para as crianças da 5ª e 6ª séries, além de *Redação*, para as da 7ª série; na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Maria Amélia P. Sampaio, a disciplina era *Didática da Matemática*, para estudantes do 3º e 4º anos do curso de Magistério.

Em Palmácia, na famosa sala do professor, troquei ideias sobre o ensino, os estudantes e o curso. Em Guaramiranga, essa permuta não era possível, pois eu era responsável por mais da metade das disciplinas do curso e não encontrava os outros professores quando eu ia lecionar. Por outro lado, criei fortes laços com os estudantes dessa turma, seja pela quantidade de disciplinas, seja porque ela continha apenas 15 jovens.

Estar em sala de aula era-me prazeroso, embora a intensidade do interesse discente por mim percebido fosse, algumas vezes, avaliada como insatisfatória, causando-me profundo incômodo. Tal sentimento era mais forte quando isso ocorria nas turmas de formação de educadores, por me preocupar com a qualidade desse profissional em formação. Embora soubesse que não podia controlar o (desejo e a aprendizagem do) outro, era minha responsabilidade aferir se aquele estudante estava apto ou não a desempenhar as atribuições docentes.

A avaliação para mim, no exercício da docência, nunca se constitui como um momento de acerto de contas com os estudantes. Antes era assentada na possibilidade de que eles mostrassem, para si e para mim, o que tinham aprendido durante o percurso. No que se refere à disciplina Didática da Matemática, havia duas dimensões complementares: teórica (discussão do referencial construtivista, enfatizando a necessidade de considerar e valorizar o conhecimento elaborado pelo estudante no seu cotidiano – privilegiando as suas dimensões afetiva, motora, cognitiva e espiritual – o qual é ponto de partida rumo ao conhecimento científico e ao autoconhecimento) e prática (metodologias e recursos didáticos).

Essas breves e intensas experiências docentes aumentaram o propósito de continuar minha peregrinação acadêmica.

Pós-Graduação

Em 1996, obtive êxito na seleção do Mestrado em Avaliação Educacional, promovido pelo Departamento de Fundamentos da Educação, da FAGED/UFC, o qual, posteriormente, se fundiu no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da mesma Faculdade. Durante o Mestrado, de 1996 a 1999, conheci um pouco mais a trajetória da Humanidade de significar o mundo.

Há anos, inquietava-me o fato de que o aprender, marca indelével da existência humana, fosse, na maioria das vezes, para os estudantes, sinônimo de sofrimento, tortura e revolta. Investiguei as relações entre o saber e a avaliação, tendo concluído que: i) as inúmeras descobertas científicas revelam o caráter processual do conhecimento, da vida; e ii) as lições ensinadas pela avaliação escolar ultrapassam, em muito, a esfera acadêmica. O Mestrado permitiu-me, na qualidade de pesquisador, refletir sobre aspectos tão esquecidos no discurso e nas práticas escolares.

O mundo é, constantemente, palco de mudanças, de transformações. Algumas mais fáceis de identificar, sentir, outras nem tanto, pois o Homem não consegue, por vários motivos, compreender as suas inúmeras relações com o Universo. Convicto disso e inspirado em Coreth (1973, p. 69), batizei minha dissertação, cuja orientadora foi a professora Ana Maria Iório Dias, de *Há sempre algo novo!*:

O homem nunca se acha definitivamente preso a certo ambiente limitado e a determinada concepção do mundo. Ele é essencialmente aberto para um mundo aberto, i.e., o próprio mundo está aberto para uma realidade que é mais ampla que o círculo de nosso saber e compreensão. Por isso, perguntando e investigando, ultrapassamos os limites de nosso mundo atual. Fazemos experiências nas quais nosso horizonte continuamente se alarga e se aprofunda. Aprendemos a conhecer outros homens, outros povos ou línguas, outras épocas históricas ou situações, compreendendo todos eles em seu próprio modo de pensar.

Ao elaborar esse trabalho acadêmico, posteriormente publicado (BARGUIL, 2000), avancei no entendimento da força que a Educação desempenha numa sociedade industrial, que tem como uma das suas principais características a padronização dos seus produtos, pois a massificação permite atingir maior quantidade de pessoas. O preço cobrado do Homem é a negação da sua individualidade.

Uma Educação pautada na transmissão de conteúdo promovida pelo professor (ou de quem as suas vezes fizer, o computador, por exemplo) e na verificação de aprendizagem, mediante procedimentos avaliativos padronizados, precisa de arquitetura e rotina lineares, padronizadas, previsíveis, possibilitando o controle, a disciplina, a rápida e eficiente verificação, os quais impedem que o sujeito desenvolva a autonomia, meio e fim, da sua subjetividade.

Acredito que a escola pode e deve contribuir para transformar a realidade, permitindo que cada pessoa encontre e desenvolva suas

potencialidades. É necessário, contudo, que ela abandone práticas prescritivas e adote um projeto educacional que privilegia, dentre outros fatores, a socialização, a troca de saberes, a valorização das diferenças (e o respeito a elas!) e a consulta de fontes diversas de conhecimento.

É partindo de si, partindo-se e colando-se em seguida, sem cessar, que a pessoa estabelece com o mundo uma atitude de troca, entendendo-a como indispensável para o seu amadurecimento. O autocuidado alimenta o respeito e a admiração de si mesmo, ingredientes necessários para o diálogo. Uma pedagogia que visa ao desenvolvimento holístico de todos os envolvidos requer um currículo e um espaço físico distintos dos tradicionalmente utilizados. Estavam lançadas as sementes da próxima viagem...

Em 2000, ingressei no Doutorado em Educação, num projeto coletivo de pesquisa, intitulado *Labirinto*, no qual cada estudante – Andréa Havt Bindá, Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Junior, Fabiano dos Santos e Paulo Meireles Barguil – se propunha investigar a constituição do conhecimento sob quatro aspectos – experiência, não linearidade, diálogo e interdisciplinaridade – relacionando-os, respectivamente, a Teseu, Dédalo, Minotauro e Ariadne.

Em relação à impossibilidade de conciliar minhas atividades profissionais com as acadêmicas, que demandavam disponibilidade variada, decidi, após um ano de profundos aprendizados, propiciados pela aventura de pesquisar coletivamente e com perspectivas diferentes e complementares uma temática, sair do *Labirinto*.

Minha temática inicial versava sobre interdisciplinaridade, impulsionada pela crescente utilização do vocábulo numa variada quantidade de produções acadêmicas – o que era facilmente constatado não somente na área da Educação, mas também em outros campos do conhecimento – e pela esperança de que ela pudesse, efetivamente, promover as mudanças há tempo esperadas.

Para melhor compreender a disciplinaridade, continuei os estudos iniciados no Mestrado sobre a gênese da Ciência Moderna. Após navegar em algumas obras, comecei a achar que o caminho estava me levando a uma investigação muito *cognitiva*, o que não me agradava nem um pouco! Constatei, então, que estava perdido e que precisava sair do labirinto...

Durante os seminários do Núcleo de Educação, Currículo e Ensino (NECE), nos idos de 2001 e 2002, em virtude da temática da pesquisa desenvolvida, empreendi uma reflexão sobre o currículo e iniciei-me no vasto universo dos estudos culturais. Essas leituras permitiram-me ampliar a compreensão quanto à diversidade de saberes e valores que circulam na sociedade, os quais não se encontram devidamente cobertos nas propostas curriculares.

Por entender que o prédio é condição indispensável para uma Educação de qualidade, decidi, então, investigar sobre o espaço escolar. Na História da Educação, as investigações sobre o currículo são recentes porque, durante "[...] muito tempo, os saberes escolares foram tidos como 'naturais' e não 'problemáticos'." (BERTICELLI, 1999, p. 163). Ou seja, os aspectos psicológicos, filosóficos, sociológicos e históricos inerentes aos processos de aprendizagem e ensino foram secularmente ignorados. O que dizer, pois, da dimensão física – do prédio e dos sujeitos?

O Homem desenvolve a consciência de si e do mundo desde o seu corpo. Quando se nega esse aprendizado, se retira a possibilidade de realização da sua transcendência. Em razão da excessiva valorização do corpo na sociedade moderna, pode-se conjecturar que esse postulado – a descorporalização, a não consideração da dimensão corporal e dos afetos de professor e estudantes – é im procedente.

Acredito que essa adoração da casca humana, tal como um fetiche, é frágil e fútil, porquanto as emoções são ignoradas. Vende-se, literalmente, a ideia de que elas são frutos de objetos que precisam

ser consumidos. Logo após cada compra, a frustração volta, e mais forte! Cego e sufocado, o Homem não percebe que o problema não está nas coisas, que precisam ser trocadas, mas nele, que pode e deve mudar...

Autores diversos, dentre os quais cito Fontanella (1995), Foucault (2002) e Gonçalves (1994), ajudaram-me a compreender que minhas experiências acadêmicas foram produtos de uma "fábrica", cuja principal característica é a repressão das qualidades intrinsecamente humanas: a sensibilidade, a criticidade, a solidariedade e a criatividade. Desencarnar as pessoas: eis o programa, o currículo da Educação!

Os espaços escolares instituem rituais, mediante a repetição sistemática, objetivando ensinar às novas gerações a aceitar que a padronização, de forma e de conteúdo, é a maneira "natural" de existir. A docilização dos corpos (FOUCAULT, 2002) permite, por um lado, maior controle e produtividade, e, de outra parte, nega ao indivíduo o direito de imaginar, contestar e lutar por um mundo diferente.

A violência escolar pode ser entendida em duas dimensões: a violência *na* escola e a violência *da* escola. Enquanto a primeira diz respeito aos conflitos sociais que invadem o seu espaço antes respeitado, a segunda é fruto das suas práticas, que negam a professores e estudantes o direito de se reconhecerem como sujeitos, não somente epistêmicos, mas também desejantes, críticos e criativos.

Quando a escola se limita a transmitir o conhecimento, ela está ensinando, silenciosamente, que a vida não é processual, histórica, permeada de desafios, tentativas, acertos, equívocos... Ao apresentar o conhecimento pronto, o professor nega também ao estudante o autoconhecimento, que é diariamente elaborado nas vivências que o sujeito tem e se expressa nas dimensões afetiva, corporal, cognitiva e espiritual.

Conhecer (em latim, *com-scire*, "conhecer juntos") é um fenômeno social ocorrente por intermédio da linguagem, sendo a escola um espaço construído com a finalidade de propiciar que esse processo aconteça de maneira mais profícua do que na sociedade. Para apre(e)nder o mundo, fora e dentro da escola, o Homem sente, age e pensa, ou seja, impescinde de todo o seu ser.

Vários estudiosos – Bruner (2001), Capra (2001), Najmanovich (2000, 2001)... – preconizam que o mundo não é um dado objetivo, inerte, à espera de ser entendido igualmente por todas as pessoas, pois ele é interpretado, simbolizado diferentemente por parte de cada uma, em virtude da capacidade humana de abstrair. Sonho e luto por uma escola que seja um espaço de constituição de subjetividade e não de alienação.

Para que isso aconteça, é necessária a adoção de um currículo holístico, que valorize a interação do Homem com o meioambiente sob a égide de uma ecologia ecocêntrica e não mais antropocêntrica. Vislumbro os professores propondo aos estudantes situações que lhes possibilitem a interpretação do mundo, ao mesmo tempo em que busquem sua melhoria, de modo que eles se percebam como produtores de conhecimento do mundo e de si próprios. A Arte, a Ciência, a Filosofia e a Religião se desenvolveram com a participação de toda a Humanidade, não sendo produto somente de alguns "iluminados".

Descobrir a luz interna, que em todos habita, é a única missão que realmente importa, o que demanda, nos termos da Psicologia Ambiental, um ambiente *sociopeta* (que aproxima as pessoas) e não *sociofuga* (que as afasta). O espaço, portanto, não é apenas um substrato material do devir humano, mas é um dos seus elementos constitutivos. Ressalto, ainda, o fato de que, embora a qualidade do ambiente seja importante, o espaço não determina se as relações nele ocorrentes serão de amorosidade, acolhimento ou de

indiferença, rejeição. O Homem permanece com o poder de decidir o que fará...

A relação da Humanidade – desde os primatas – com a natureza, no intento de compreendê-la, decifrá-la, porquanto o mundo se apresenta misterioso, é uma jornada épica. Ela se manifesta tanto no maior domínio do meioambiente, com a descoberta de suas leis, quanto no próprio desenvolvimento do Homem, com a complexidade crescente das suas dimensões afetivas, motoras e cognitivas, expressas na estruturação da vida social.

O título da tese – *O Homem e a conquista dos espaços* – expressa a crença de que esse acontecimento nunca se esgota e também que a relação estabelecida pelo Homem com a natureza, mediante o seu corpo, a ele possibilita formular significados (de si e do mundo), num movimento de invenção, constituição, e não de cópia, alienação. A dimensão temporal, embora não explicitada, permite ao Homem prosseguir na sua aventura ontológica, tecendo o (auto) conhecimento. Defendi a tese, cujo orientador foi o professor Luiz Botelho Albuquerque, em setembro de 2005, e a publiquei no ano seguinte (BARGUIL, 2006).

Com o título de doutor, eu estava habilitado para a jornada que viria, a qual eu há tanto esperava...

Docência

Após lograr êxito em concurso público realizado em junho de 2006, tomei posse, em 28 de agosto de 2006, como professor adjunto da UFC, lotado no Departamento de Teoria e Prática do Ensino, da Faculdade de Educação, para lecionar na área *Ensino de Matemática*.

Ensinar matéria temida pela maioria dos estudantes nos cursos de Pedagogia no Brasil é um grande desafio, por dois grandes motivos. O primeiro é porque a maioria desses cursos dedica apenas

uma disciplina, com reduzida carga horária, para cada área: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e História, Ciências e Artes. O segundo é porque são esses estudantes, quando formados, que ensinarão Matemática para as crianças no início da sua vida escolar.

Essa situação é inadmissível e vergonhosa, pois, enquanto o licenciado que atua nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio tem, em média, 20 disciplinas específicas da sua área de atuação, o Pedagogo, em virtude da diminuta carga horária destinada à sua principal ação, não é adequadamente preparado para o seu ofício.

Durante esses sete anos, priorizo uma formação matemática que contemple os diversos saberes docentes – *conhecimento, pedagógico e existencial* – que, acredito, são necessários para uma prática docente que favoreça a aprendizagem discente (BARGUIL; BORGES NETO, 2010; BARGUIL, 2012; 2013).

O saber do *conhecimento* (conteúdo e currículo) refere-se aos conceitos de cada tópico, que devem ser compreendidos pelos estudantes, notadamente do seu caráter histórico, ou seja, as condições sociais que permitiram o seu desenvolvimento e a sua respectiva complexidade. O *pedagógico* (teorias da aprendizagem, metodologias, recursos didáticos e transposição didática) é expresso na relação professor-conhecimento-estudante, nos materiais didáticos e na dinâmica da sala de aula, de modo que as escolhas pedagógicas (ensino) considerem as dimensões discentes (aprendizagem). O *existencial* (crenças, percepções, sentimentos e valores) é a subjetividade do professor, o seu sentir, agir e pensar sobre a vida, o conhecimento, o estudante e a Educação.

Estou convicto de que o maior desafio educacional é tornar a nossa relação com o mundo mais satisfatória e plena. A perpetuação de práticas que expressam a crença de que o saber é transferido de alguém que sabe (o professor) para aquele que não sabe (o

estudante) revela o quão distantes estamos daquele que deveria ser o nosso objetivo mor.

Estudantes que não aprendem Matemática desenvolvem, muitas vezes, a crença de que o problema está neles e/ou que esse conteúdo é privativo de gênios. Essa percepção de incapacidade intelectual, que costuma atingir também outras áreas do conhecimento, influencia negativamente a vida das pessoas que a possuem, ou seja, ela tem fortes tons afetivos.

Percebo, hoje, que a aprendizagem da Matemática pelos futuros pedagogos para quem leciono só é possível se eu ajudá-los a modificar o respectivo saber existencial, mormente os seus sentimentos em relação à sua capacidade de aprender Matemática, numa perspectiva reduzida, e de aprender sobre a vida, numa perspectiva ampliada. As feridas são profundas e, nesses casos, a opção que o Homem, quase sempre escolhe, é tentar ignorá-las para não sentir a dor...

É pena o Homem desconhecer o fato de que a chaga continua lá e causando estragos! Não é possível, contudo, transformar sentimentos negativos sem identificá-los e as suas histórias. Esses acontecimentos não deixam somente registros cognitivos, pois talham marcas no seu corpo e na sua impalpável túnica afetiva. A cura, todavia, não se faz somente pela força da palavra, mas também pela ação que toca e purifica o motivo da aflição. Todo dia é repleto de oportunidades para que cada pessoa exercite o autocuidado e o cuidado do seu semelhante.

Acredito, portanto, que o modo como Homem lida com a sua corporalidade é fruto da sua História. Interagindo dinamicamente com o seu meio social, ele age na realidade, ao mesmo tempo em que dela recebe influências, atualizando, constantemente, a sua forma de pensar, sentir e agir (GONÇALVES, 1994, p. 13). Compreendo que os espaços e os tempos educativos demandam um olhar holístico, que considere nuanças e inter-relações de Homem, natureza e sociedade.

Inspirado na minha tese de doutorado, propus, em 2009, a criação da disciplina optativa *Pedagogia do Espaço*, para permitir que os estudantes reflitam sobre o fato de que os espaços e os tempos educativos potencializam a aprendizagem dos sujeitos e expressam uma intencionalidade pedagógica, sendo, assim, um importante elemento curricular. Os projetos arquitetônicos destes espaços têm um caráter formativo, que se expressa num *habitus* escolar dos seus agentes, motivo pelo qual deve ser analisado o seu cotidiano, afastando-se, por conseguinte, de uma suposta neutralidade.

Ministrei, em 2012.1, com o professor Luiz Botelho Albuquerque, a disciplina *Espaços, Tempos, Movimentos, Formas, Cores, Sonoridades como Experiências Formadoras*, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Essa experiência permitiu ampliar meus saberes nessa área e, após um intenso período de incubação, formular, em parceria com o estimado catedrático Botelho, uma nova disciplina optativa na graduação, intitulada *Espaços-Tempos e composição humana*, que estreará em 2014.1.

No 2º semestre de 2012, a professora Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca, Diretora da FACED/UFC, me indagou o que poderia ser feito para melhorar o curso de Pedagogia, tendo sido essa a minha resposta: "Amplie as salas destinadas aos ensinamentos, de modo que esses espaços permitam que os estudantes vivenciem situações de aprendizagem diversas da que tiveram a vida inteira, além de carteiras que permitam o trabalho em dupla e em grupo e armários repletos de recursos didáticos (livros didáticos, paradidáticos e de literatura; vídeos; jogos...)". Ela, de pronto, acolheu minha sugestão, e empreendeu esforços junto à Reitoria para torná-la realidade.

Em agosto de 2013, as obras das salas temáticas foram iniciadas e, em breve, elas estarão funcionando, possibilitando que o curso de Pedagogia da UFC ocupe, cada vez mais, no Estado do Ceará, um

espaço de destaque na formação inicial e continuada de pedagogos, condição indispensável para uma Educação Básica de qualidade. Que presente maravilhoso o curso de Pedagogia ganhará no ano de seu Jubileu!

Faço votos de que seus professores e estudantes continuem, nas próximas décadas, praticando a lição de Freire (1997, p. 153):

Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

Penso que a única verdade a ser aprendida e usufruída por parte de cada indivíduo é que somos uma preciosa gota no vasto oceano...

O COSMOS FOI DESCOBERTO SOMENTE ONTEM. Por um milhão de anos era claro para todos que não havia outros locais senão a Terra. Então no último décimo por cento da duração da vida da nossa espécie, no instante entre Aristarco e nós, relutantemente notamos que não somos o centro e o propósito do universo, mas vivemos em um mundo diminuto e frágil perdido na imensidão e eternidade, impelido em um grande oceano cósmico salpicado aqui e ali com cem bilhões de galáxias e um bilhão de trilhões de estrelas. Bravamente testamos as águas e descobrimos que o oceano era como queríamos, consoante com a nossa natureza. Algo em nós reconhece o Cosmos como o lar. Somos feitos de cinza estelar. Nossa origem e evolução estão ligadas a eventos cósmicos distantes. A exploração do Cosmos é uma viagem de autodescoberta. (SAGAN, 1982, p. 318).

Constato, emocionado, que os encontrei: a composição e um pouco mais de mim. Parafraseando-me, "Fico feliz por ter conseguido, mais uma vez, olhar para e sentir o Paulo. A escrita deste artigo ajudou-me e, também, por isso lhe sou grato, Curso de Pedagogia."

Menino e adulto, doravante, companheiros para sempre: Eu, pedagogo de mim!

Bola de meia, bola de gude
Milton Nascimento e Fernando Brant

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem para me dar a mão

Há um passado
No meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir:
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo, não quero
Viver como toda essa gente que insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia
Bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão

Referências Bibliográficas

BARGUIL, Paulo Meireles. **Há sempre algo novo!** – algumas considerações filosóficas e psicológicas sobre a Avaliação Educacional. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

_____. **O Homem e a conquista dos espaços** – o que os alunos e os professores fazem, sentem e aprendem na escola. Fortaleza: Gráfica e Editora LCR, 2006.

_____. A Prova didática na formação do pedagogo que ensina Matemática. In: **3º SIPEMAT - Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**. Fortaleza: UFC/UECE, 2012.

_____. O diagnóstico de competência numérica na formação do pedagogo que ensina Matemática. In: **XI Enem – Encontro Nacional de Educação Matemática**. Curitiba: PUCPR, 2013.

BARGUIL, Paulo Meireles; BORGES NETO, Hermínio. Memorial: motivações e contribuições para a formação do pedagogo. In: **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. Salvador, 2010.

BERTICELLI, Ireno Antônio. Currículo: tendências e filosofia. In: COSTA, Maria Vorraber (Org.). **O Currículo nos limiares do contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 159-176.

BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Tradução Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

FONTANELLA, Francisco Cock. **O Corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento das prisões. Tradução Raquel Ramalheite. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir** – corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

GUIMARÃES, Marco Antônio; NASCIMENTO, Milton. Dança dos meninos. Intérprete: Milton Nascimento. In: **Yauaretê**. CBS, 1987. Faixa 06.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. Tradução Yan Michalsky. São Paulo: Summus Editorial, 1981.

MAGRÃO, Sérgio; SÁ, Luis. Caçador de mim. Intérprete: Milton Nascimento. In: **A Arte de Milton Nascimento**. Polygram, 1988. Faixa 10.

NAJMANOVICH, Denise. Hacia nuevos paisajes educativos. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 35-48.

_____. **O Sujeito encarnado** – questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Bola de meia, bola de gude. Intérprete: 14 bis. In: **Performance**. EMI, s/d. Faixa 03.

SAGAN, Carl. **Cosmos**. Tradução Angela do Nascimento Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1982.